
A MODA FEMININA NO PRÍODO ENTRE GUERRAS: A REFLEXÃO DE UMA FASE NA SOCIEDADE¹

Kamila dos Santos Tavares

Graduanda em História, UFCG (PET História)

kamila-tavares-cg@hotmail.com

Ewennye Rhoze Augusto Lima

Graduanda em História, UFCG

misssimpatic@hotmail.com

Tentando manter a paz em suas fronteiras, Otto Von Bismarck, chanceler alemão, fez uma aliança com a Itália e a Áustria-Hungria, que ficou conhecida como a tríplice Aliança. Como resposta, em 1894 a Rússia e a França faziam uma aliança. Com o crescimento militar e industrial da Alemanha, a Inglaterra aderiu a essa união. Assim estava formada a tríplice Entente. A Europa ficava assim dividida entre essas duas alianças. O estopim foi uma região conhecida como Balcãs, que era de interesse de ambas a alianças. O assassinato de seu arquiduque, Francisco Ferdinando, em Sarajevo fez com que seis semanas depois tropas européias marchassem. A Áustria deu um ultimato a Servia, para que o assassinato de Francisco fosse resolvido em dois dias. Com medo de uma invasão austríaca, os russos apoiaram os sérvios. Logo a França também os apoiava. Assim, a Alemanha declarava guerra a Rússia e a França.

Entre 1914 e 1918 houve um conflito que mudaria várias características da vida humana: a primeira guerra mundial. A partir desse momento houve a ausência da figura masculina, que ia para as trincheiras firmar sua nacionalidade, e as mulheres tiveram que assumir seus papéis em setores que variavam: desde a saúde aos transportes, inclusive na indústria bélica. Além dos cuidados com a casa, e com os filhos que ficavam em casa, ainda havia o trabalho externo. Foi o primeiro passo para a emancipação feminina.

¹ A sociedade no entre guerras sofreu revoluções que não se limitaram aos campos de batalha. Muitos hábitos seculares foram contestados em décadas e a moda foi um reflexo claro dessas modificações.

As mulheres agora faziam trabalhos brutos e não poderiam continuar usando aquelas roupas excessivamente femininas e que limitavam os seus movimentos, típicas da belle époque. Sendo assim, o espartilho foi excluído da indumentária feminina. Segundo Prost, “O entre guerras é, [...], uma época de libertação do corpo e de outra relação entre o físico e as roupas. As roupas antigas escondiam e aprisionavam o corpo.”². O comprimento das saias e dos vestidos foram encurtados para a altura da canela, facilitando os movimentos e uso da calça, que antes era indumentária masculina, virou um coringa na hora de desempenhar varias atividades que exigiam mobilidade. Com as saias e as pernas de fora surge a necessidade de usar meias que as deixem mais bonitas, já que a mulher mesmo sendo funcional nunca perdeu a vaidade; vemos assim a mudança das cores da meias de seda e seu consumo aumentar. Porém, vale a pena destacar que o período entre guerras foi um período escasso em alguns lugares, tendo em vista que o governo diminuiu boa parte dos seus gastos com setores industrias que não fossem bélicos. Assim, havia toda uma dificuldade pra se manter na moda, sem ultrapassar os gastos permitidos, usando sempre o material que era acessível.

Em 1916 Gabrielle Chanel, conhecida como *Coco Chanel* faz uma vestimenta chamada de *Tailleurs de jérsei*, um tecido leve e fácil de lavar. Desde então ela virou uma referencia no mundo da moda, pregando a simplicidade e o conforto das roupas. A guerra acaba em 1918 e com ela a censura feminina. A mulher surge moderna e independente, mudando totalmente os costumes rígidos da sociedade que vivia. Revolucionando muito mais os anos loucos do que podemos pensar. Em 1920 estoura o *Jazz*, o *Charleston*³ e as descobertas científicas, que incentivavam o exercício físico e um cuidado maior com o corpo. Surge uma geração saúde, que valorizava os banhos, os esportes e os cosméticos. As pessoas passam a comemorar a liberdade e a se redescobrirem. Foi uma incrível guinada na visa social das mulheres.

Livre dos espartilhos, usados até o final do século 19, a mulher começava a ter mais liberdade e já se permitia mostrar as pernas, o colo e usar maquilagem. A boca era carmin, pintada para parecer um arco de cupido ou um coração; os olhos eram bem marcados, as sobrancelhas tiradas e delineadas a lápis; a pele era branca, o que

² História da vida privada, vol 5, 2003, “A Família e o individuo”, Antoine Prost.

³ Dança em que os passos são feitos com os joelhos, balançando para dentro e para fora.

acentuava os tons escuros da maquilagem.

A silhueta dos anos 20 era tubular, com os vestidos mais curtos, leves e elegantes, geralmente em seda, deixando braços e costas à mostra, o que facilitava os movimentos frenéticos exigidos pelo Charleston - dança vigorosa, com movimentos para os lados a partir dos joelhos. As meias eram em tons de bege, sugerindo pernas nuas. O chapéu, até então acessório obrigatório, ficou restrito ao uso diurno. O modelo mais popular era o "cloche", enterrado até os olhos, que só podia ser usado com os cabelos curtíssimos, a "la garçonne", como era chamado.

Nos Estados Unidos, nos anos 1920, o país se tornara um centro difusor de novidades e valores. O modo de vida americano (American way of life) tornou-se modelo para a classe média e alta de muitos países, inclusive o Brasil, onde o rádio, o cinema, os jornais e as revistas foram seus meios de perpetuação. O número de rádios nos lares americanos saltou, igualmente as idas semanais ao cinema. A facilidade de comprar a prestação aumentou o acesso das pessoas aos bens de consumo. Aspiradores e máquinas de lavar seduziam os consumidores, principalmente as mulheres, que poupariam tempo e permaneceriam elegantes e de salto alto nos afazeres domésticos.

Criou-se a idéia de que consumir era a tarefa primordial da dona de casa. A publicidade deu uma concepção consumista ao feminismo.

A grande virada no comportamento das classes dominantes se deu no início do século XX, principalmente nos anos 20, capitaneada pelas mulheres. Estas começaram a adotar hábitos e aparências que antes eram permitidos exclusivamente aos homens. Fumar e beber em público, discutir política, seguir uma profissão ou afirmar a sexualidade passam a ser características do comportamento de algumas mulheres, consideradas inovadoras.⁴

⁴ Ritos do corpo, 2000.

Tal comportamento remete ao início da inserção da mulher no mercado de trabalho, que iniciou-se na Europa durante a primeira guerra mundial, e de maneira involuntária, já que, com os maridos na guerra as mulheres precisaram assumir o lugar

masculino na indústria; depois dessa mudança, o comportamento revolucionário passou a ser voluntário; as mulheres assumiram sua independência e continuaram conquistando mais espaço mesmo depois do fim da guerra.

Esse espaço não se limitava aos empregos, como já foi visto, ele entrou no âmbito da moda, que afirmava toda essa independência no modo de vestir muito mais livre; sem formas que prendam os movimentos, o conforto e a beleza se associam e a moda se torna muito mais funcional, para se adaptar ao estilo da mulher que agora começa a traçar sua independência.

Em 1922 o escritor Victor Margueritte escreve o romance *La Garçonne* (A Rapariga), onde a personagem principal usava roupas que para a época eram masculinas, usava o cabelo curto e deixa bem explícita sua sexualidade. Ela poderia ser considerada o símbolo da mulher de uma época. O comprimento das saias continuou a diminuir, devido a prática de esportes e para que a mobilidade do corpo ocorresse mais facilmente. Os cabelos encurtaram e criaram uma característica andrógena. A mulher emancipada já fumava em público e até dirigia automóveis. As roupas se aproximaram tanto que as classes sociais se diferenciavam apenas pelo preço e quantidade de tecidos. As calças começaram a ser adaptadas para ambientes fora do trabalho. A maquiagem no rosto era ecêntrica, onde o pó de arroz, a boca com batom vermelho, e os cílios bem marcados faziam sucesso e diferenciavam as moças dos rapazes de uma forma mais visível. Mais um símbolo dessa década seriam os chapéus *cloche*, que querem dizer sino em francês, onde suas pequenas abas caem pelas laterais. Os sutiãs, anáguas e combinações faziam parte do dia-a-dia feminino, juntamente com as roupas esportivas, que invadiam todos os ambientes da vida social feminina. Em 1929 encerra os anos loucos com a crise estadunidense que aumenta em 200% o número de suicídios.

Contradizendo a crise econômica os anos 1930 aparecem com sofisticação, luxo e esplendor. A mulher volta a ser aquela figura sedutora e realmente feminina. O cinema passa a ditar a moda e as atrizes de Hollywood são exemplos a seguir. Greta Garbo, Marlene Dietrich, Jean Harlow e Mae West influenciaram milhares de mulheres. Houve a negação da ideia de andrógeno da década anterior para a construção de uma mulher

feminina. Revistas como a Marie Claire, lançada em 1937, propagam o discurso de que se quiser manter o marido a mulher deve se manter atraente. Os ombros femininos foram enfatizados e a cintura voltou para o normal, junto com o comprimento, que voltaram a ser compridos. Os tecidos sintéticos, junto com os brilhosos como o cetim, foram os sucessos da época, junto com o corte *evasê*. Outra parte do corpo muito evidenciada são as costas. O batom deixa de ser um artifício das mulheres fáceis pra ser uma forma honesta de valorizar a beleza feminina. Percebe-se então que as roupas são apenas reflexos do estado em que a sociedade se encontra: descobrimento, recessão, glamuor. Logo a burguesia parisiense, desejando novidades, começam a freqüentar as praias e as estações de água, e lança moda: se bronzear é a nova sensação. Os cabelos ficam um pouco maiores do que nos anos 1920, mas ainda estão curtos e agora ondulados. A calça comprida estilo *pantalona*, desenvolvida por Chanel, aparece nas praias e ruas. E nos dias frios os mantôs fizeram sucesso. Peles, bolsas, escarpins e sandálias mais altas e pesadas (para as pantalonas) complementavam o visual.

Um nome de destaque dessa década foi Elsa Schiaparelli, que inovou na moda utilizando características surrealistas e cubistas, chegando ao ponto de fazer parceria com Salvador Dali, que desenhou chapéus para a mesma. Além disso, ela foi uma das primeiras a criar um conceito para moda e a primeira a conceber coleções temáticas, como as coleções atuais, que desenvolvem suas criações com flores, cores densas, figuras de animais, etc. Um de seus grandes sucessos foi o vestido *escrivaninha*, onde os bolsos imitavam gavetas.

Como desfecho dos anos 1930, temos a segunda guerra mundial, em 1939, onde vários países se envolveram em uma disputa que mudaria mais uma vez o rumo da história e da moda.

Os anos loucos, deixaram uma herança na moda que até hoje permanece no guarda-roupa e na atitude da mulher, que é a independência fashion, financeira e até emocional, que se reflete no modo de vestir, o jeans permanece até hoje como um coringa, o conforto associado a beleza, a maquiagem como forma de ressaltar a elegância e a moda trabalhando para deixar tanto a dona de casa, quanto a empresária cada dia mais bonitas e confortáveis.

Bibliografia

BRAGA, JOÃO. História da Moda, uma narrativa. Editora Anhembi Morumbi. 7ª ed. 2008.

POLLINI, DENISE. Breve História da Moda. Editora Claridade. 1ª ed. 2007.

PROST, ANTOINE. História da vida privada. Editora Companhia das Letras. 8ª ed. 2003.

SENAC. DN. Ritos do corpo. Rio de Janeiro, Editora Senac. 2000.